

[apresentação]

Existem muitas formas de se dizer um nome próprio. Eu, por exemplo, tenho muitas formas de ser chamada. *Tatiele* já soou aquele jeito de dizer de alguém quer começar um diálogo mais ostensivo e já foi meu calcanhar de Aquiles quando eu queria sair cedo da aula ou apresentar um trabalho primeiro e a chamada era por ordem alfabética. Eu ficava depois de todas as Tati-ana-ene-ane e Talitas e Talulas. Só não era pior do que Zuleide, coitada, última de todas e que já estava fadada a sair da sala pelo resto da vida junto com o/a professor/a. Hoje *Tatiele* está mais para preencher fichas e cadastros, com direito a boletos e CNPJ, gosto desse nome de adulta.

Tatah era meu nome de *orkut* porque naquela época, em 2005, era permitido ser qualquer pessoa na rede social. Mas *Tatah* era pouco, e eu, adolescente divertida, passei a ser *Tatah Só Risos*. Me pergunto, que diabos de apelido era este? A gente faz umas coisas com 12 anos que eu não sei não. Acabou que *Tatah* virou meu nome-apelido artístico na faculdade junto com o *Café* que veio depois de Yara praticar *bullying* com o meu muito breve *Tatiele Matias* - parecia auspicioso usar o nome de meu bisavô já que eu estava sob forte influencia dos artistas renascentistas que e todo mundo era *Di* alguma coisa ou *Di* alguém. Impossível esquecer de Giotto Di Bondoni. Tudo isso porque *Tatiele de Souza Silva* parecia um tanto quanto convencional demais.

Tati deveria ser o mais comum dos meus apelidos, mas não é. Pouca gente me chama assim. Alguns de *Tati* com "i", outros *Tate* com "e". Confesso que *Ta-tê* parece *chic*. Para mainha eu sou *Tau*. Para Val, *Tatinha* - mesmo que eu pese mais de 80kg. Já fui até *Garrincha* e não tem nada a ver com o jogador de futebol, e sim com o passado magro e chorão de quem insistiam em dizer que eu tinha semelhança dados meus 2 anos de idade e o uso roupas de neném. Até *Bebê* eu já fui. E olha que eu já tinha décadas sem caber no colo de minha mãe. Dizem que todo mundo precisa de um apelido carinhoso que é mais difícil de esquecer - ainda não me chame, por favor.

O mundo me chamou de muitas e me disse que posso ser quantas quiser. De acordo com minhas expectativas não era bem assim *Tati Quarentenada* que eu viveria o meu primeiro Retorno de Saturno. Não na casa dos meus pais. Não no meio de uma pandemia mundial. Sem beijar na boca há mais de...quantos meses mesmo? Com uma sensação de fracasso e vulnerabilidade que corta meu estômago como uma navalha fina, que volta e meia me dá a impressão de que eu vou precisar fazer tudo de novo como se fosse a primeira vez. Eu nem lembro mais como é que se flerta. Pisco o olho ou mando nudes?

Eu não lembro bem quando comecei a acreditar em astrologia. Mas lembro que não trocava a programação da manhã no rádio enquanto a locutora não falasse: "agora para você que é do signo de gêmeos, número da sorte 23, cor para hoje, marrom". Nem mesmo meus anos de jovem protestante me fizeram deixar de acreditar nos astros, sejam os dos céus, sejam os dos palcos. Lendo aqui e acolá, descobri que existe um fenômeno astrológico que acontece a cada 29 anos e que faz a vida da gente mudar para sempre, ou pelo menos até os próximos 29 anos. Verdade ou

não, eis que estou aqui, no ponto zero, recomeçando tudo de novo, vivendo o meu primeiro Retorno de Saturno, cheia de histórias para contar. E quero levar você comigo. Vamos nessa!!

[pesquisa]

Eu precisava de tempo. É disso que a palavra precisa mais do que lápis ou papel de vez em quando. E encontrei na Residência. E era um tempo outro, vagaroso, solar com chuvas repentinas. Tempo da palavra e para a palavra. Primeiro veio a palavra t.r.a.v.e.s.s.i.a. Atravessar os meus entre-lugares: Santo Antonio de Jesus, Sapeaçu, Cruz das Almas, São Felipe, Conceição do Almeida, Mangabeira, Muritiba, São Félix, Santo Amaro da Purificação, Maragogipinho, Salvador, Feira de Santana, Amargosa, Valença, Boipeba, Morro de São Paulo, Recife, Olinda, São Luis do Maranhão, Fortaleza, Paraíba, Irecê, Cidade do México, Nazaré das Farinhas, Itaparica...Depois o atravessar cômodos e endereços: Rua 17, Casa de Regina, Casa de D. Lídia, República Olimpo, República Olimpo, Casa da Feira, Morumbi, Rua Santo Antonio, Fonte Santo Antonio, Aurino Sales, 7 de setembro, Fonte Santo Antonio. E os meios de atravessar: pau de arara, kombi, fusca, bicicleta, ônibus, pernas, moto, barco, lancha, avião, trator, van. E como um rito de passagem, o atravessar conflitos: o cabelo crespo, a pele negra, o peso, a identidade, a fé, o amor, as tradições, a família, carreira, amizades...

[inquietação]

Levou um tempo para eu entender que qualquer coisa que eu fizesse a minha cor faria diferença. E o que me deu consciência disso foi a literatura. A minha literatura, as portas que ela me abriu e as pessoas que cruzaram meu caminho. Nas dezenas de eventos que participei, não houve um sequer em que eu não tenha sido questionada sobre como era ser uma escritora negra. Levou tempo para eu entender o que as pessoas queriam perguntar com isso. As professoras passaram a me relatar da surpresa que era para os estudantes ver a minha foto na orelha do livro com cabelos cacheados, pele escura, "normal como a gente" como eles dizem. E eu comecei a ficar ainda mais surpresa nos eventos quando as meninas, em sua maioria, vinham tocar meu cabelo, falar que eu era estilosa e usava tênis, e no final sempre tinha "confusão" para arrumar a foto porque todos queriam ficar grudados em mim, justamente pela identificação. Uma jovem da graduação me perguntou no Fórum 20 de Novembro do ano passado: se você não escreve sobre negritude como eu, mulher negra, vou me sentir representada pela sua obra?" Eu nem tive tempo de pensar, o que saiu foi: basta eu me olhar no espelho, quando eu tô falando eu tô falando como uma mulher negra, isso vai ser para sempre. Sempre que eu falar eu tô falando do corpo de uma mulher negra. O livro Travessia é sobretudo um produto cultural de ação afirmativa depois de 3 intensos anos de fala e escuta que o meu livro Nota Afetiva me deu. Dessa vez escolhi uma personagem para guiar os textos afim de ser ainda mais representativa, uma mulher negra de 29 anos passando pelo seu Retorno de Saturno.

[o livro]

O livro *Travessia* é resultado do Prêmio de Residência Artística para Escritores no Instituto Sacatar em 2018. O livro é uma publicação da Editora Bagageiro, selo dirigido pela Oxe Produção Cultural LTDA. Em 2022 o livro terá sua segunda edição comercial e poderá ser adquirido no site da autora tatielecafe.com Contato: @tatiele.cafe

ISBN:

Editora Bagageiro

Ano de publicação: 2021



REGISTROS [2018]

